

Uma Nacão que apenas "joga" com seu futuro...

Economia - Brasil

A economia vai bem? Não, muito mal: a inflação galopante que continua, apesar dos "pacotes"; a recessão da atividade produtiva, o desemprego, a pauperização da classe média, afora os *impasses* gerados pelas volumosíssimas dívidas, externa e interna, etc., etc. A política vai bem? Não, muito confusa, sem perspectivas maiores de bom encaminhamento da questão sucessória presidencial, tudo levando a crer que ao final dever-se-á escolher (não a sociedade, mas o colégio eleitoral indireto) entre o "ruim" e o "pior". A educação vai bem? Não, de mal a pior, como todos sabemos: um processo de imbecilização dos jovens por meio de baixíssimo nível de ensino, público e privado e em todos os níveis. A saúde vai bem? Não, vai mal como sempre, continuam crescentes os índices de mortalidade infantil, o sistema assistencial médico-hospitalar é precário, vastíssimas camadas populacionais são absolutamente desassistidas. A jogatina desenfreada vai bem? Ah, sim! Esta vai muito bem, obrigado. O jogo do bicho — ou *dos bichos* —

continua reinando prosperamente, especialmente na capital brasileira da contravenção, que é a cidade do Rio de Janeiro — agora "sob nova administração", mas mantendo "a mesma qualidade do serviço" (como se avisa em alguns estabelecimentos tradicionais que mudam de dono, continuando o mesmo).

Na verdade, Leonel Brizola vai cumprindo no Rio, rigorosamente, uma das promessas de sua campanha eleitoral: a jogatina ilegal continua a todo vapor, sem ser ao mínimo molestada pela polícia. A tolerância chega a tal nível que muitos pontos de jogo do bicho já não ocupam mais as esquinas e calçadas, mas funcionam abertamente em lojas, onde também se joga "pirapora" (jogo de dados). Há notícias de que foi aberto, rapidamente, o antigo cassino do contraventor Maron — sócio do banqueiro Anísio Abrahão, em Caxambu e em São Lourenço — num prédio da zona Sul carioca. No centro da cidade, na travessa do Comércio (junto ao arco dos Telles, junto à Bolsa de Valores), está aberta a loja dos ban-

queiros Fred e Poti. Seis homens e uma mulher "trabalham" num balcão de uma antiga agência de viagens, enquanto um tesoureiro, atrás do guichê, carimba os talões e vai recebendo o dinheiro das apostas. Ao lado, uma mesa de "pirapora", onde se joga a dinheiro.

Como afirmou um contraventor, rebateando eventuais críticas feitas por um ou outro colega ao governador: "A contravenção nada tem a reclamar de Brizola. Trabalhamos sem problemas, não existe perseguição policial e nossos negócios vão muito bem".

É por esta e por muitas outras que estamos sempre chegando àquele melancólico conclusão: este país não muda mesmo. Muitos até estão cheios de belas intenções, expressas em ainda mais belas palavras — intenções de reformar uma realidade, naquilo que ela tem de viciosa, de ruim, de daninho. Surgem mudanças nos Estados, surgem mudanças na União — mas nada se resolve, os eternos problemas continuam eter-

nos problemas. Uma realidade rebelde parece recusar-se a mudanças — necessárias, essenciais —, e é então que até os bem-intencionados se acomodam ao *status quo*, aderindo, compactuando, e ao final submetendo-se a este.

A jogatina desenfreada, que parece estender um imenso pano verde de ponta a ponta deste país, não há nada que a afete, nem a crise econômica. Ao contrário, até parece que quanto mais difícil é a situação econômica de modo mais fácil se pretende ganhar a vida sob estes tristes trópicos. Talvez o vício do jogo de azar seja um dos poucos consensos interpartidários nacionais, *porquanto* não há governo de partido algum que o saiba — ou melhor, queira — reprimir com eficiência, apesar de nosso ordenamento jurídico, de há muito, considerá-lo contravenção penal.

O problema é que, quando os cidadãos se habituam a cada dia jogar "sua sorte" (fazendo sua "fezinha"), a *Nacão*, da mesma forma, está apenas "jogando" com o seu futuro.